Célia Frazão Linhares
Regina Leite Garcia
(Organizadoras)

Noam Chomsky • Anne Sassoon •
Michael Apple • Michael Young •
Henryane de Chaponay •
Gunther Kress • Alain Lipietz

DILEMAS DE UM FINAL DE SÉCULO:

O QUE PENSAM OS INTELECTUAIS

Transcrição e tradução do inglês
Nicholas Davies

Tradução do francês
Denise Milon del Peloso

1996
CORTEZ EDITORA

Alain Lipietz

Representa em nosso livro a questão da ecologia e os embates que vivem as sociedades entre seu desejo de desenvolvimento e de riqueza material e seu medo da destruição da vida e do próprio planeta. Economista por formação e militante por opção, humaniza a discussão dos números dos ambientalistas pragmáticos, mas obriga também os ecologistas ingênuos a colocarem os pés no chão e a exorcizarem os fantasmas.

Recebeu-nos em seu escritório em Paris, entre uma viagem e outra, no meio de uma crise em seu Partido Verde, revelando uma agilidade mental surpreendente. Difícil lembrar quantas vezes desligamos e religamos o gravador, e a cada recomeçar Lipietz retomava o discurso do ponto em que havia interrompido.

Impossível separar em Lipietz o intelectual que pensa e escreve sobre o mundo e o militante que age no sentido de mudar o mundo. O intelectual militante aparece, dentre outros livros e artigos, em Choisir l'Audace — une alternative pour le XXIème siècle, Mirages and Miracles — the crisis of global fordism, The enchanted world-money, finance and the world crisis.

Alain Lipietz — Eu creio que existem dois aspectos dentro da situação atual: o aspecto conjuntural e um aspecto estrutural. O problema de base é devido ao fato de que os dois se entrelaçam porque nós vivenciamos uma grande crise. Quando digo grande crise, isto quer dizer que os homens não estão mais de acordo a respeito dos objetivos a serem perseguidos. Há sempre na vida, na história, pequenas crises que freqüentemente concordamos com os objetivos, embora discordemos dos meios para atingi-los.

Agora estamos numa grande crise. Isto quer dizer que não estamos mais de acordo a respeito dos objetivos: os objetivos do progresso. No Ocidente, em todos os grandes acordos que foram estabelecidos após 1945, falava-se do progresso, o progresso do consumo, que é ele próprio baseado num progresso da eficiência da organização industrial ou agrícola, o todo estando organizado pelo Estado; este quadro desmoronou nos anos 70-80. O que se procurou estabelecer no Ocidente são duas coisas, duas coisas muito diferentes segundo os países.

Há, por um lado, os países como a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e, a partir de 1983, a França, a Espanha e a Itália, que tentaram dizer: "Já que o

Estado não é mais capaz de organizar o crescimento do consumo e o crescimento industrial, deixemos o mercado fazê-lo". Foi o que eu chamo de liberal-produtivismo.

E, por outro lado, há a Alemanha, a Escandinávia, o Japão, países que preferiram sair da crise através de uma melhor organização e menos mercado. Em todos estes países, o Estado continuou exercendo um enorme papel, as convenções coletivas entre sindicatos e patronato continuaram reforçando-se. Isto não foi conquistado sem lutas, mas podemos dizer que estes países excluíram o liberalismo como solução.

E o fim dos anos 80 mostrou-se favorável ao segundo grupo, o que quer dizer que os países que haviam escolhido o liberalismo, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a Espanha, perderam a guerra econômica dos anos 80. Foram a Alemanha e o Japão que ficaram mais fortes. Dito isto, até mesmo a Alemanha e o Japão estão hoje confrontados com o fato de que os acordos internos que eles puderam firmar entre sindicatos, patronato etc. não podem manter-se no contexto de um mercado mundial dominado pelo liberalismo. Portanto, a solução vitoriosa do ponto de vista capitalista, do capitalismo ocidental, para a crise dos antigos compromissos, encontra-se ela própria ameaçada por não conseguir impor-se internacionalmente.

A crise no Leste foi ainda mais grave, já que foi todo o sistema de compromisso estabelecido durante o stalinismo, em que os operários trabalhavam muito pouco em troca de um certo número de garantias elementares tais como saúde, educação, alojamento, alimentação etc., e de muito poucos direitos democráticos, que desmoronou. Infelizmente, a maior parte destes países optou, após o desmoronamento do antigo compromisso — digamos stalinista — por tentar o liberalismo. Ora, o liberalismo aplicado a um país que é frágil leva ao desmoronamento e ao alinhamento destes países do leste junto com o Terceiro Mundo.

No próprio Terceiro Mundo, todos os países que haviam conseguido construir algo durante os anos 40-50 sob a proteção do Estado — todas as estratégias ditas de substituição das importações — estão percorrendo a mesma trajetória dos países do Leste, isto é, se as economias adotam brutalmente o abandono das proteções e do papel do Estado, elas desmoronam, o que ocorreu no Peru, na Argentina, no Egito etc. Enquanto isso, outros países como a Coréia e Taiwan, que reforçaram ainda mais o caráter seletivo de suas importações e o caráter diretor do seu Estado, estão obtendo vitórias em cima de vitórias do ponto de vista econômico.

Portanto, há, de uma certa forma, um aspecto estrutural em "como gerir a economia" que não está resolvido. Mas existe algo ainda mais grave: ainda mais profundamente, estamos nos questionando agora se o critério para alcançar a vitória é mesmo o crescimento econômico. E isto é um pouco a novidade desta grande crise. Os debates da grande crise anterior, a dos anos 30, centravam-se sobre: "É necessário mais mercado, é necessária uma maior presença do Estado, é necessário organizar a economia em corporações, é necessário que o Estado se encarregue de tudo? etc. Eram os posicionamentos que já opunham o liberalismo aos corporativismos da América Latina (Vargas, Perón, Cardenal), aos fascismos da Europa (na Espanha, em Portugal, na Itália e na Alemanha), ao stalinismo no leste europeu, à social-democracia nos Estados Unidos, na Europa do Norte etc.

Mas todos estavam de acordo a respeito de um aspecto: quanto mais rápido a economia crescesse, melhor seria de qualquer forma. Ora, estamos percebendo — e esta é um pouco a crítica que a ecologia faz — duas coisas:

1. o conteúdo em si do crescimento é mais importante que o volume do crescimento, isto é, o modo como vivemos juntos, com as mercadorias que produzimos e que consumimos, é mais importante que as mercadorias

em si. Podemos ser muito mais felizes com um nível de consumo médio e relativamente baixo, se existem nas relações de vizinhança e nas relações familiares o que chamamos de convívio, isto é, uma relação satisfatória que permite a cada um desabrochar sem que ninguém seja excluído. Esta aspiração ao convívio é algo pelo menos tão importante quanto o critério de consumo que foi praticamente o adotado por todo o mundo no Leste, no Ocidente, no Sul, desde a 2ª Guerra Mundial;

2. o outro aspecto da crítica dos ecologistas — tratava-se de uma crítica ideológica, e tornou-se agora uma realidade totalmente concreta — é que não há mais espaço suficiente na Terra para um crescimento quantitativo. Deixemos isso bem claro: existe ainda margem de manobra, é possível ainda melhorar o consumo material médio do gênero humano. Mas somos desde já obrigados a aceitar o fato de que nem todo mundo poderá crescer da mesma forma. Portanto, ou é o Sul ou é o Norte que crescerá. Não há mais matéria-prima suficiente, não há mais poços suficientes para os gases provenientes do efeito estufa, não há mais lugar para todos. Estamos engajados — a conferência do Rio foi de uma certa forma a primeira luta — numa espécie de guerra do meio ambiente que vai ocupar todo o século XXI.

A grosso modo, a situação é simples... Eu vou dar um exemplo: todo o mundo concorda mais ou menos que a duplicação do gás carbônico da atmosfera acarretaria um certo aquecimento e um certo aumento do nível da água. Ninguém está de acordo na hora de dizer exatamente de quanto seria o aquecimento e de quanto seria a elevação do nível da água. Mas todo o mundo concorda que mesmo quantidades pequenas trarão conseqüências catastróficas para a maior parte do Terceiro Mundo; por exemplo, um terço de Bangladesh terá que ser evacuado etc.

Então, gás nestas condições, o Norte que envia atualmente a maior quantidade de gás provocador do

efeito estufa, pode dizer: "Para mim, as conseqüências não são muito graves e, portanto, vou continuar"; ou então, os países do Norte podem dizer: "Mesmo que para nós as conseqüências não sejam muito graves, elas serão tão catastróficas no Sul que isto provocará uma tensão mundial da qual nós sairemos somente através de um custo político assustador, por exemplo, aniquilando as tentativas de migração etc." Fico pensando, por exemplo, no que se passaria na fronteira entre Bangladesh e Índia. E, portanto, nós, países do Norte, deveremos adotar modelos de desenvolvimento industrial que permitam diminuir o efeito estufa, de modo que os países do Sul, que precisam equipar-se, possam participar mais, tenham um direito superior sobre a atmosfera humana. Eis o tipo de debate nesta guerra do meio ambiente.

Então, nesta dupla crise estrutural, crise a respeito de "como organizar a economia", e, em segundo lugar, "quais são os embates da economia", eu digo, existe desde agora um desacordo profundo no interior do Norte e no interior do Sul a respeito de: "É preciso mais mercado ou mais Estado?" E, ainda num nível mais profundo do que este, existe um desacordo a respeito de: "Devemos fixar como único objetivo o crescimento material, ou devemos introduzir idéias de convívio, idéias de qualidade de vida, idéias de solidariedade Norte-Sul etc.?"

Trata-se de uma batalha que está muito longe de ser resolvida. Não podemos responder como será a situação no século XXI. Mas já estamos começando a ter elementos de resposta; quer dizer que temos de uma certa forma, e de modo extraordinariamente rápido, a respeito dos três primeiros anos da última década do século XX, uma amostra de respostas extraordinárias, como se os primeiros anos desta década tivessem servido como maquete a respeito do futuro.

A primeira grande novidade foi a confirmação da vitória econômica, tecnológica, dos países com capita-

lismo bem organizado, de uma certa forma, sobre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha... Esta vitória manifestou-se muito bem pela forma como foi resolvido o desmoronamento do bloco do Leste. Poderíamos pensar que os Estados Unidos teriam um papel decisivo neste assunto. Ora, a Alemanha fez exatamente o que ela quis, foi ela quem decidiu, e os Estados Unidos não tinham nada a dizer. Tivemos uma segunda confirmação durante a Guerra do Golfo. Os Estados Unidos disseram: "Bem, é verdade que nós não somos mais a potência econômica, tecnológica e financeiramente dominante, mas nós somos mesmo assim a potência militarmente dominante". E eles quiseram, a favor da Guerra do Golfo, fazer uma demonstração de sua potência, e a fizeram. Mas isto não mudou em nada nem a atitude do Japão, nem a atitude da Alemanha, e podemos dizer que tanto a conferência do Rio quanto as negociações do GATT mostraram os limites da hegemonia dos Estados Unidos. De um certo modo, mesmo o acordo não-formulado representa uma espécie de recuo dos Estados Unidos sobre sua proximidade imediata, que deixa até quase no abandono a América do Sul, abaixo do Canal do Panamá. Portanto, a derrota tecnológica, financeira, econômica dos Estados Unidos nos anos 80 foi sancionada nos três primeiros anos da década de 90 com este repúdio ao reaganismo e de Bush pelo eleitor americano, o retorno em direção a algo nem muito progressista, nem muito estatizado, nem muito ecologista, mas ainda assim diferente do que era a administração Reagan-Bush: a aliança de um democrata bastante moderado como Clinton com um ecologista igualmente bastante moderado como Gore.

O segundo aspecto a respeito do qual lhe falei, diz respeito às dificuldades de que se ressentiriam os países capitalistas vitoriosos na guerra econômica dos anos 80, no seio de um mundo, ele próprio, liberal. Testemunha desta evolução são as dificuldades atuais da Alemanha. A Alemanha Ocidental acreditou poder absorver a Alemanha Oriental. Ela não está conseguindo. E não está conseguindo porque esta absorção

não foi negociada nem com os sindicatos da Alemanha Ocidental, nem com as massas populares da Alemanha Oriental. Deveriam ter planejado, de um certo modo, em que condições isto se faria, quem partilharia os sacrifícios, com que rapidez tudo isto seria feito. Não o fizeram, mentiram. Acreditou-se que o mercado iria espontaneamente se precipitar para socorrer a Alemanha Oriental, o que não foi o caso. E a catástrofe da Alemanha Oriental está se tornando a catástrofe de toda a Alemanha.

Terceira confirmação do que eu lhe disse, e dos problemas que iriam abarcar todo o final deste século e todo o início do século XXI: a incapacidade em resolver os problemas que encontram os países do Sul provoca um crescimento destas formas de convívio, destas aspirações pervertidas para um convívio, formas pervertidas que representam o nacionalismo, o etnicismo, o racismo, o retorno às religiões etc. Por que é que nós temos um ressurgir do islamismo na Argélia, no Egito, por que é que nós temos um retorno das manifestações religiosas do tipo pentecostal na América Latina, uma espécie de cristianismo místico que se opõe à vontade de conscientização que as comunidades de base da Igreja brasileira ou peruana haviam, por exemplo, representado? Eu creio que é justamente a derrota da modernização através da substituição das importações, a derrota do nasserismo, do bumedienismo, derrota do período que vai de Kubitschek ao fim da ditadura (isto é, a idéia de consolidar o modo de vida brasileiro respaldado no mito do crescimento), que faz com que as pessoas, as massas populares tenham necessidade, já que nem o Estado nem o mercado lhes trouxeram a felicidade material, pelo menos do sentimento de fraternidade, de proximidade imediata trazido pela religião, pelo etnicismo, pelo sentimento popular, ou melhor, pelo sentimento nacional. As pessoas precisam que tudo isso se expresse e é assim que esta espécie de falsa fraternidade ou de falso convívio toma a dianteira.

Eu acredito que, de uma certa forma, o mesmo ocorre na antiga Iugoslávia: ela funcionou relativamente bem durante o tempo em que Tito pôde oferecer um certo projeto de desenvolvimento econômico, totalmente possível. A partir do momento em que o "Enriqueceivos!", os slogans da economia de mercado invadiram tudo, todos perceberam que haveria ricos e pobres, e as pessoas quiseram reorganizar, rapidamente, formas de solidariedade ... não voltadas para o futuro, mas para o passado, as solidariedades étnicas. Eu acredito que esta seja a base para todos os reerguimentos religiosos, o abandono da fraternidade e do convívio, enquanto, de uma certa forma, o Estado dos anos 50, tanto no Leste quanto no Ocidente e no Sul, representava um certo convívio. O Estado oferecia a garantia de que o progresso industrial serviria ao conjunto da população. A partir do momento em que dizemos: "Não, não há mais Estado mas sim o mercado, e que o melhor vença", todos os que têm a impressão de que não são exatamente os melhores, agrupam-se entre si, alegando: "Nós somos do mesmo sangue, nós somos da mesma religião etc."

A quarta confirmação é o sentimento que tem o Sul de que não há mais lugar para todo o mundo no planeta. É o que eu chamo de síndrome do capitão Haddock. Nas *Aventuras de Tintim*, uma história em quadrinhos dos anos 50, há passageiros que vão de foguete para a Lua e, no começo, proíbem a um dos homens, o capitão Haddock, de fumar cachimbo por ter apenas a quantidade suficiente de oxigênio para todo o mundo. À medida que a viagem prossegue, percebemos que há passageiros clandestinos e o capitão Haddock diz: "Mas, então, a mim me proibiram de fumar cachimbo, pediram-me para preservar o oxigênio, enquanto há passageiros clandestinos que ninguém convidou. Precisamos apenas nos livrar dos passageiros clandestinos e eu poderei fumar cachimbo". O modo como se desenrolou a segunda Guerra do Golfo, entre o Iraque e o Kuait, a coalizão que sustentava o Kuait,

e o início da conferência do Rio ilustram muito bem esta "síndrome do capitão Haddock". A atitude do Norte consistiu em dizer: "Antigamente, tínhamos o direito de invadir um país para nos expandirmos — foi assim que os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha se constituíram. Mas agora não temos mais o direito, agora as coisas estão regulamentadas, cada um tem sua cota, você não tem mais o direito de tocar...", e, por outro lado, os países do Sul disseram: "Mas, então, a ordem internacional significa manter as coisas tal como elas estão. Ora, nós somos subdesenvolvidos, então nós não teremos jamais o direito de nos desenvolvermos?" E, de uma certa forma, as negociações preparatórias para a conferência do Rio explicitaram um pouco esta reivindicação de alguns países do Norte como os Estados Unidos, que disseram: "Não há mais oxigênio suficiente, não há mais espaço suficiente para o gás carbônico de todo o mundo e, portanto, o Sul não pode se desenvolver". Todos os países devem diminuir sua produção de gás que provoca o efeito estufa, mesmo que no momento eles não o produzam em grande quantidade. Todo o mundo deve diminuir ao mesmo tempo. Ora, os Estados Unidos, por enquanto, produzem uma quantidade enorme e a Índia, muito pouco... por pessoa, evidentemente. A Índia produz uma grande quantidade do gás, porque eles são bastante numerosos, mas, por pessoa, ela produz muito pouco. Então, face a isto, percebemos uma espécie de revolta do Sul, o que podemos denominar "uma Intifada generalizada" isto é, uma revolta das pedras direcionadas contra o Norte, explicada pelo fato de que o Norte aparece cada vez mais como sendo uma espécie de fortaleza, um pouco como o Império Romano no seu fim, contra a decadência, que se protege dos povos bárbaros, mas a barbárie está retomando muito rapidamente. Hoje, a maior parte dos povos da Iugoslávia é vista como bárbara pelos europeus; toda a Rússia é vista como uma imensa barbárie. Então o Norte está se tornando cada vez menor; em três anos, o Norte

diminuiu consideravelmente de tamanho. Era possível, quando eu era jovem, ir a pé — os beatniks iam a pé, digamos, de Paris até Kathmandu, ou pedindo carona, ou de ônibus etc. Hoje, na estrada entre Paris e Kathmandu... em primeiro lugar não podemos sequer chegar à Iugoslávia pois seria necessário passar pela Turquia, com a revolta dos curdos, pelo Iraque, é impossível, pelo Afeganistão, hipótese totalmente excluída, pela fronteira que separa o Caxemira da Índia...; tudo isto está fora de cogitação... enfim, quase não podemos mais fazer esta viagem. Creio que é uma espécie de caos que está se espalhando pelo Sul, na maior parte do Sul (há pequenas partes do Sul que estão aderindo de forma muito eficiente ao capitalismo, mas a maior parte do Sul não). Há, portanto, uma espécie de separação, de fosso gigantesco, aberto entre um Norte cada vez mais restrito e um Sul cada vez mais excluído, exceto em alguns lugares ultradinâmicos no Sul como a Coréia do Sul, Taiwan, uma parte da costa chinesa etc.

Então, face a esta situação de precipitação da história, não somente a história não chegou ao seu fim como ela está se acelerando, já que vemos serem recolocados numa velocidade alucinante problemas que acreditávamos estarem enterrados, ao mesmo tempo em que surgem outros sobre os quais ninguém havia pensado. Ninguém havia jamais pensado que a quantidade de gás carbônico emitido num país se tornaria um ponto discutido na política internacional, por exemplo... ou que o fato de normalizar a agricultura em um país e, portanto, de diminuir a biodiversidade, tornar-se-ia um ponto discutido na política internacional... face a esta situação, o que podemos fazer?

Creio que, em primeiro lugar, o liberalismo, eu já lhe disse isso, não é eficiente. Isto foi demonstrado quando da derrota dos EUA e da Inglaterra diante da Alemanha e do Japão. Portanto, ele não é o melhor, mesmo do ponto de vista do capitalismo. Além do mais, o liberalismo é terrivelmente perigoso, já que mesmo

os países que conseguiram, como a Escandinávia, a Alemanha e o Japão, poupar alguns compromissos sociais, estão vendo estes últimos sendo ameaçados pelo liberalismo e o mercado que dominam a nível internacional. Portanto, o liberalismo deve ser rejeitado, ao mesmo tempo porque ele não funciona, e porque ele é perigoso. Sob o ponto de vista ecológico, podemos dizer o mesmo. O liberalismo não funciona porque ele é incapaz de dar às pessoas, país por país, um sentimento de que pertencem a uma comunidade. Ele se torna perigoso, portanto, já que faz com que as pessoas, não tendo mais o sentimento de um projeto comum a nível da coletividade nacional, se voltem cada vez mais para as religiões místicas, para o nacionalismo etc., portanto, o liberalismo é muito perigoso do ponto de vista da vida em sociedade.

O liberalismo mostra-se igualmente bastante perigoso para com a ecologia das relações intergeracionais, já que ele nos leva a dilapidar o patrimônio da humanidade como a atmosfera, a biodiversidade etc. A partir daí, será preciso voltar para o Estado? Creio que o Estado mostrou do que ele é capaz, mas também do que ele é incapaz. Afinal, se a social-democracia foi arruinada na Grã-Bretanha, se o rooseveltismo foi repudiado nos anos 80 nos Estados Unidos, se o comunismo foi derrotado na Rússia, na Alemanha, na ex-Tcheco-Eslováquia, se o nasserismo ou o "desarrollismo" foi derrotado na América Latina, é porque havia razões internas: as pessoas não gostavam disso. Elas gostaram disso durante um certo tempo, mas, depois, deixaram de gostar. Menem, quando diz: "Eu estou desmantelando o Estado argentino", ou Fujimori, quando desmantelou o Estado peruano, ou até mesmo, na situação extrema, quando Carlos Salinas desmantelou as conquistas da revolução mexicana, encontraram uma forte resistência dos setores pobres, que sabem ser os perdedores, mas encontraram um forte consentimento... de qualquer forma, não houve uma mobilização para defender o período anterior, porque mesmo os pobres

não se beneficiaram, todos, com as vantagens oferecidas pelo Estado no período anterior. Dito de outra forma, se deixarmos recuar o livre jogo das forças do mercado, não deve ser com o objetivo de trazer benefícios para um Estado, tal como haviam defendido tanto a social-democracia quanto o stalinismo ou o corporativismo "desarrollista" da América Latina. É preciso reinventar uma outra forma de regulação coletiva.

Qual era a base, de meu ponto de vista, dos limites do Estado antigo? Vocês sabem o que os sociólogos dizem: "Existem dois tipos de sociedade, as individualistas e as holistas..." As sociedades holistas, isto é, as que vêem a Nação, a comunidade, como sendo uma realidade coletiva, como um corpo de uma certa forma, um Estado orgânico, são geralmente sociedades hierárquicas, quer dizer que existem elites que dirigem as coisas importantes, sendo que as coisas menos importantes são deixadas para responsáveis de um nível inferior, e as pessoas que se encontram totalmente embaixo na hierarquia têm sua vida praticamente organizada pelos que se encontram acima delas hierarquicamente. As sociedades individualistas igualitárias, como as sociedades capitalistas, são sociedades onde, aparentemente, cada um constrói sua própria vida em função de sua relação de força sobre os outros. Creio que o Estado, tal como ele foi desenvolvido tanto no Leste quanto no Ocidente ou no Sul, nos anos 40-50-60, foi um Estado que procurava fazer funcionar tanto as sociedades individualistas como as holistas, ao fornecer um senso do coletivo, porém inteiramente baseado na hierarquia. Mesma coisa, aliás, nas fábricas: elas eram regidas pelo que chamamos de taylorismo, onde havia os especialistas que dirigiam e pessoas que executavam. Mesma coisa no campo: as revoluções agrárias dos anos 40 ou 50 eram dirigidas pelos especialistas e os camponeses foram destituídos de seu saber-fazer, tendo que obedecer às técnicas impostas por aqueles. O problema que a humanidade deve enfrentar hoje é o mesmo no que diz respeito às relações

internacionais. As relações internacionais estavam relativamente pacificadas, fora algumas guerras muito intensas como a Guerra do Vietnã, por exemplo, ou a Guerra da Coréia. Estas sociedades foram relativamente pacificadas; enfim, o planeta foi pacificado devido ao fato de que havia dois chefes, a União Soviética e os Estados Unidos, organizando rigorosamente seu próprio domínio, e os únicos problemas colocados eram a respeito de fronteiras (podíamos ter o Vietnã, a Coréia, a Etiópia etc.). Não havia requestionamentos significativos. Por exemplo, a crise de Cuba em 1962 mostrou que a União Soviética não criticava nos Estados Unidos o direito de comandar no seu próprio hemisfério. Cuba, no final das contas, podia continuar existindo como uma pequena ilha cercada, contanto que ela não permitisse a entrada da União Soviética. Hoje, nada mais disso existe, evidentemente; cada um faz aquilo que quer, ninguém pode dizer que os Estados Unidos ou a União Soviética ou quem quer que seja controlam o que quer que seja, nem no Peru, nem na Iugoslávia, nem no Líbano. Cada um faz aquilo que quer, o que é uma espécie de economia de mercado, de economia da concorrência transferida para a esfera política: se você é mais forte, você pilha o vizinho e pronto. Dito isto, ninguém tem vontade de retornar ao sistema de dupla dominação União Soviética-Estados Unidos. Portanto, em todos os níveis, o problema é: como restabelecer um senso do coletivo sem retornar à hierarquia? É esta a base do problema. De uma certa forma acredito que, embora eu não tenha absolutamente uma resposta, pois isto seria uma invenção de todo o gênero humano, em primeiro lugar é preciso ter vontade. Quer dizer que é preciso identificar bem a direção e creio que um dos problemas que os ecologistas colocaram, é que eles trouxeram um novo direcionamento. Eles não trouxeram, talvez, uma solução, mas eles trouxeram propostas para um novo direcionamento. Eles disseram: "Existem valores fundamentais, e é preciso caminhar ao longo destes valores que nos indicam um direcio-

namento. Nós não prometemos um Eldorado, nós não prometemos o comunismo, nós não prometemos um paraíso na terra; simplesmente, estamos propondo valores pelos quais lutar — a solidariedade (o convívio, como dizemos), a autonomia, quer dizer que o convívio não deve estar fundado sobre um grupo que decide e os outros que executam, mas que cada um deve encarregar-se de seu próprio destino, contanto que respeite a solidariedade que o liga aos outros, evidentemente. E, em terceiro lugar, a responsabilidade ecológica; quer dizer que a humanidade deve se sentir responsável pela vida das outras espécies da terra no interesse das gerações futuras. Não podemos mais fazer como antes, quando a humanidade era minúscula, num imenso jardim que ela podia pilhar sem que isso trouxesse prejuízo para a Terra ou as gerações futuras. Agora, estamos num pequeno espaço, fechado e limitado. Portanto, é preciso ser responsável. Eis as três direções que propomos. Aprender a viver em função destes três valores, creio que esta seja a tarefa. Isto vai ser um pouco a resposta para o risco considerável do século XXI que seria, caso contrário, uma guerra de todos contra todos, uma guerra do meio ambiente, uma guerra Norte-Sul etc., tudo o que descrevi agora há pouco. Como fazer?

Em primeiro lugar será preciso, aos poucos, fazer propostas; cada dia, é preciso fazer propostas políticas, a nível local, a nível nacional, a nível europeu, a nível das negociações internacionais, mas é sobretudo preciso mudar as mentalidades. É aí que a questão da escola e da democracia local representam um papel decisivo. Creio que a escola é o lugar decisivo onde podemos fazer avançar estes três valores, não somente no conteúdo do ensino mas sobretudo nos métodos do ensino. Lembro-me, quando eu era criança, antes dos anos 50, ensinavam-nos a ser econômicos, ensinavam-nos a higiene, ensinavam-nos muitas coisas que não aprendemos mais adiante. Quer dizer que antigamente, nas sociedades difíceis, mais difíceis que agora, que nos anos

60, a escola ensinava uma certa *responsabilidade*, uma certa ética da economia, da parcimonia, da austeridade, que desapareceu em seguida, porque tivemos a impressão de que o mercado e a indústria poderiam atender a todas estas questões, sem que para isso os indivíduos precisassem economizar a água ou o ar etc. Agora a escola deve reaprender tudo isto. A escola é o primeiro agente da higiene, o primeiro agente da ecologia, o primeiro agente da responsabilidade. A escola é também o primeiro agente da *autonomia*. Em primeiro lugar porque o objetivo da escola é tornar as pessoas autônomas, mas também porque a escola pode ser um dos lugares onde se aprende a autonomia. E isso exige uma certa revolução do ensino, evidentemente. Não podemos ensinar as pessoas a serem autônomas de forma não-autônoma, quer dizer, uma forma de ensino que está baseada na autoridade não pode ensinar as pessoas a serem livres. O paradoxo é que até mesmo uma escola muito autoritária permitiu que as pessoas se tornassem mais livres, revoltando-se contra a tradição, contra o que elas tinham aprendido. O esquema habitual era que se aprendia até a adolescência e na adolescência revoltávamo-nos contra nossos pais, contra nossos mestres etc., mas mesmo assim o que tínhamos aprendido podia servir.

Às vezes! Outras vezes as pessoas se tornam passivos. Mudar o método pedagógico para verdadeiramente aprender a autonomia vai ser uma questão cada vez mais decisiva.

O terceiro destes valores, além da responsabilidade e da autonomia, é a solidariedade. Portanto, aprender a solidariedade é, em primeiro lugar, aprender a não excluir. Creio que a questão — e na França isto foi formidavelmente discutido durante estas últimas semanas — a necessidade de ter sistemas escolares que façam sentir a solidariedade, que não sejam sistemas com várias velocidades, onde os ricos estão com os ricos, os pobres com os pobres etc., é totalmente decisiva. Cabe à escola ensinar às pessoas que nós podemos

sair desta, todos juntos. Uma solução que consistisse em dividir a escola em vários pequenos segmentos, cada um indo para o seu próprio segmento e não vendo, não descobrindo o resto do mundo, mesmo durante sua infância, somente poderia levar a esta situação de extrema tensão dentro da qual nos encontramos agora, a alguns anos do século XXI.

Mas, evidentemente, a escola não é o suficiente, porque a escola é um lugar relativamente fechado, onde se transmitem essencialmente conhecimentos, e é um lugar separado da prática; é um lugar onde não podemos "pôr em ação". Portanto, é extremamente urgente reconstruir uma concepção da democracia fundada nesses três valores, e reconstruí-la significa praticá-la; e não sabendo fazê-lo no nível mundial, comecemos no nível local. De uma certa forma, é no nível da democracia local, da mobilização dos recursos locais para atender às necessidades locais e debaixo de um controle democrático exercido pelas próprias pessoas, que podemos fazer reviver uma democracia que seja ao mesmo tempo orgânica — fazer as pessoas viverem com a concepção de que elas estão todas juntas, de que elas constituem todas, de uma certa forma, as células de um mesmo corpo — mas sem que este organicismo desemboque numa concepção inteiramente hierárquica, onde haveria, por um lado, a cabeça e, por outro lado, os dedos do pé. E isto só pode ser feito no nível da democracia local, para começar. A democracia local reveza com a escola, vem imediatamente após ela. Aliás, creio que a escola deveria refletir sobre sua participação na democracia local. Participação nos dois sentidos: a influência da democracia local sobre o conteúdo da escola e a participação da escola na vida local. Não acredito na pureza extrema. Não acredito que a vida local seja uma vida sem conflitos. Penso, pelo contrário, que muitos conflitos que levam a guerras a nível mundial já existem no nível local em forma de gérmens. O interesse da vida local é que, como eles existem em forma de gérmens, podemos

aprender a domesticá-los, a dominá-los para, em seguida, fazer uma espécie de "transferência de tecnologia" para as questões nacionais, para as questões mundiais. Não sou igualmente dotado de uma pureza extrema, isto é, não creio que seja suficiente dizer: "Arranjemo-nos no nosso canto, e deixemos o vasto mundo virar-se". A maior parte dos problemas já são questões mundiais. Eu citei o efeito estufa, eu citei a biodiversidade etc. Mas façamos uma suposição — mesmo que a elite consiga negociar um bom acordo de luta contra o efeito estufa, este acordo mundial não serviria para nada se não houvesse, na base, pessoas para aplicá-lo, se não houvesse, na base, pessoas para votar a favor dos transportes coletivos e de uma limitação no uso de carros, se não houvesse, na base, pessoas que utilizem os transportes coletivos ao invés de carros quando os primeiros existirem etc.

Para concluir, eu direi que toda esta espécie de crise, a respeito dos objetivos e dos meios, nos obriga a ultrapassar o que havia sido a fórmula tradicional dos ecologistas, que diziam: "É preciso aprender a pensar globalmente e a agir localizadamente". Eu creio que será também necessário aprender a pensar no nível local, isto é, a pensar nas questões do tipo: "Como construir na base, no nível local, uma mentalidade de solidariedade, de autonomia e de responsabilidade?", e também será cada vez mais necessário aprender a agir globalmente, quer dizer, que os assuntos do planeta dirão respeito a nós de forma cada vez mais próxima. Será preciso que seja constituída uma espécie de política internacional ecologista que permita evitar a guerra do meio ambiente sobre a qual nós já falamos. Pronto.

Entrevistadora — A respeito deste assunto, eu gostaria de lhe perguntar três coisas que, creio, estão articuladas. A primeira é:

Com sua experiência, você acredita realmente que o projeto ecológico consiga sintonizar com o imaginário popular e ao mesmo tempo com as elites que são muito

egoístas e muito pragmáticas, no sentido de que elas pensam somente no hoje e o futuro é para os outros... o Terceiro Mundo. A segunda pergunta é: você acredita que seja possível reconstruir formas de solidariedade, ou construir outras formas, num mundo dominado pelos meios de comunicação, que exercem uma pressão para que consumamos. Isto se opõe às formas de solidariedade, porque reforça o egoísmo — sou eu acima de tudo, eu quero mais, de qualquer jeito etc.

E a terceira pergunta é conclusiva: você se refere a mudar as mentalidades. Estou me referindo a Marx... e quem vai mudar o educador?

Estas três perguntas são muito importantes para mim, porque é nelas que se baseia meu trabalho de educadora.

Alain Lipietz — A respeito da primeira pergunta: "Podemos fazê-lo", e da segunda: "Quais são nossos inimigos", e da terceira: "Quem são nossos amigos", de uma certa forma... então, podemos fazê-lo?

Eu não seria um militante se pensasse que não podemos fazê-lo. Acredito com Gramsci que é preciso combinar o otimismo da vontade com o pessimismo da razão. Podemos muito bem considerar que nós estamos na Terra por 80 anos — na nossa idade só nos restam uns 20 anos e depois acabou, portanto, não nos preocupemos. De uma certa forma, eu creio que a humanidade pode se aperfeiçoar. Então, podemos fazê-lo... Mas mesmo que a humanidade não seja suscetível de se aprimorar, o sentimento do mal mínimo, isto é, o sentimento do interesse, bem compreendido, a longo prazo, pode nos ajudar. Temos um crescimento nos nossos países, principalmente nos que foram liberais nos anos 80, em que o Estado recuou nos anos 80, isto é, em que o desemprego se elevou de forma assustadora, temos um crescimento muito grande da delinqüência... em países como Estados Unidos, França ou Grã-Bretanha. Mas até mesmo a situação atual de delinqüência nestes países é muito mais amena do que

era a situação no século XIX, época em que a miséria humana estava muito mais avançada. De uma certa forma, houve um progresso. Houve progresso por quê? Porque as pessoas batalharam em prol do progresso, dos sindicatos, dos médicos sanitaristas, dos filantropos etc., e porque uma parte bastante considerável das elites disse: "Ao invés de ter exércitos de policiais e de correr o risco de ser mesmo assim assassinados na saída do teatro por causa de uma carteira, seria melhor dar dinheiro às pessoas. Desta forma, ficaremos muito mais tranquilos". Creio que é preciso agir segundo estes dois eixos, o interesse, obviamente, e a idéia de que o Homem é passível de se aperfeiçoar graças aos movimentos sociais. Acredito que até mesmo a ecologia está dividida entre estes dois métodos, e isso é muito bom. Existem pessoas que dizem: "As pessoas não aceitarão jamais diminuir o seu conforto. Portanto, vamos encontrar soluções técnicas para que elas mantenham o mesmo nível de conforto mas sem estragar a natureza, sem estragar a atmosfera". Goldenberg teve um pouco esta visão no Brasil. Existem pessoas que dizem: "É preciso que as pessoas sejam mais responsáveis, se não encontrarmos soluções técnicas, aplicaremos soluções mais prudentes, mais austeras".

Creio na capacidade da ciência em descobrir como poderemos fazer...

Se pudermos fazê-lo através da ciência, melhor ainda; se não pudermos, faremos através das mentalidades. É preciso fazer os dois ao mesmo tempo. Portanto, a oposição que alguns fazem entre uma ecologia tecnológica ou reformista e uma ecologia profunda não é uma verdadeira oposição; são duas vias que é preciso seguir ao mesmo tempo. Trata-se de uma diferença de sensibilidade. Creio que tanto as elites quanto as massas populares são totalmente sensíveis à questão da melhoria do seu meio ambiente, contrariamente a uma certa lenda segundo a qual a ecologia seria um luxo de ricos. Não creio que a ecologia seja um luxo de ricos. Para os ricos, é um luxo, é

verdade; para os pobres, é uma necessidade. O saneamento das favelas do Rio é ecologia e é uma necessidade vital. A mortalidade infantil depende crucialmente do meio ambiente numa favela. Você pode aumentar a renda de 500 francos, sem aumentar as chances de sobrevida de uma criança numa favela brasileira. Se você diminuir a taxa de poluição e a taxa de micróbios na água da favela, você aumentará consideravelmente sua esperança de vida. Portanto, para aqueles que são muito pobres, a ecologia é uma necessidade vital. A mesma coisa para os camponeses que estão expostos à progressão do deserto no sertão, por exemplo. Dito de outra forma, quanto mais as pessoas são pobres, mais as questões sobre o meio ambiente se tornam questões políticas, porque suas condições para sobreviver estão diretamente ligadas aos problemas do meio ambiente. Suas relações com a economia mercantil são razoavelmente fracas e suas condições para sobreviver são os recursos do meio ambiente: os recursos disponíveis ou não no seu meio ambiente. Se estes recursos se encontram lá, eles podem viver; se estes não estão ou desaparecem ou se degradam, eles morrem. Quanto às elites, creio que seu interesse, bem entendido, mais a filantropia, ela existe também e pode ser um dos meios de fazê-los evoluir. Dito isto, se não funcionar, teremos pelo menos tentado.

A segunda pergunta é: "Que papel podem desempenhar os meios de comunicação?" Creio que os meios de comunicação desempenharam um papel... o melhor e o pior. A consciência que nós temos, no Ocidente, no Nordeste do mundo, no Norte ocidental, nos países desenvolvidos, dos problemas do Terceiro Mundo não vem essencialmente por intermédio da escola; ela vem essencialmente por intermédio dos meios de comunicação. Tanto a imagem que tivemos das lutas de libertação nacional quanto a imagem que tivemos e temos agora das lutas populares, dos dramas ecológicos do Terceiro Mundo, dos dramas da fome no Terceiro

Mundo, tudo isto nos é fornecido pelos meios de comunicação. Não foi nunca a escola, nem a escola laica nem a escola religiosa, que nos trouxe isso, tudo veio através dos meios de comunicação.

Portanto, os meios de comunicação são um dos meios mais diretos, mais fortes para a tomada de consciência do que chamamos "o vilarejo planetário". A consciência do mundo como vilarejo veio através dos meios de comunicação.

Porém, evidentemente, os meios de comunicação representam também o pior, já que eles podem ser o veículo do ódio. Eu penso que a responsabilidade dos meios de comunicação na Guerra da Iugoslávia é colossal. Foram os meios de comunicação que veicularam um discurso de ódio, um discurso de racismo, de racismo muito mais grotesco devido ao fato de que ele punha em oposição pessoas da mesma família. Afinal, entre os servos e os croatas, quais são as diferenças?

Entrevistadora — Assim também a mídia já havia atuado na Guerra do Golfo.

Alain Lipietz — Sim. Os meios de comunicação são um dos meios mais eficientes para... Mas eles são mais fortes ao mesmo tempo para atiçar o amor e para atiçar o ódio. Eles são as duas faces ao mesmo tempo.

Entrevistadora — É este o perigo.

Alain Lipietz — É o perigo e a esperança. Porque não temos a mínima possibilidade de convencer as pessoas de que elas precisam ser solidárias no nível mundial se nós não tivermos os meios de comunicação para convencê-las.

Entrevistadora — O PT tentou fazer isto no Brasil, ter um canal de televisão em São Paulo.

Alain Lipietz — Portanto, não se pode de forma alguma defender o ponto de vista de que os meios de comunicação, por serem de massa, seriam menos bons do que... do que nada.

Então, como fazer? Bem, creio que devemos aprender a conquistar os meios de comunicação. Isso passa por conquistas institucionais: criar meios de comunicação que não dependam do Estado e que não dependam do mercado... então, isto estabelece toda a problemática: será que podemos fazer grandes sistemas de comunicação a partir de um financiamento comunitário ou associativo? Temos também o problema da formação dos jornalistas, do grupo de pressão em torno dos jornalistas, que foi freqüentemente negligenciado. É algo que se deve aprender e que grandes empresas sabem muito bem fazer. Elas pagam ou convidam jornalistas. Devemos também aprender a procurar jornalistas, a convencê-los, a ajudá-los a tomar consciência, a encaminhá-los aos lugares importantes para levar em conta as realidades. E, mais uma vez, creio que a escola, acima de tudo isso, desempenha um papel, porque é preciso ensinar às pessoas a ler os meios de comunicação. Existem pesquisas espantosas na França atualmente, que revelam um completo desmoronamento, em torno de 40%, da credibilidade de todos os meios de comunicação franceses, especialmente desde a Guerra do Golfo. A pesquisa mostra muito bem, em 81, em 91, uma credibilidade de 60%; 60% das pessoas acreditavam no que lhes diziam o rádio, a televisão, os jornais. Agora 20% acreditam. Um meio de comunicação não é nada mais do que um meio de comunicação: é um canal que vai de um emissor para um receptor. É preciso trabalhar em cima do canal, mas é preciso trabalhar principalmente o emissor, o jornalista etc., e é preciso trabalhar com o receptor. É preciso trabalhar com o receptor para ensinar-lhe — e é aí que nós chegamos à última questão: "o educador educado".

Creio que Marx era... a famosa tese a respeito de Feuerbach. Marx opunha-se, nesta afirmação, ao mesmo tempo ao determinismo e ao elitismo. Até mesmo o

elitismo militante. Até mesmo o elitismo dos professores, dos filósofos. Ao dizer "O educador precisa ele próprio ser educado", ele dizia que existem coisas, realidades, idéias que surgem do processo revolucionário da sociedade e que mudam as idéias dos intelectuais. Para um homem da minha geração, se ele fosse progressista na sua juventude ele seria necessariamente marxista. Ele demonstrava uma preferência pelo Estado, e ele demonstrava uma preferência pelo grande crescimento industrial. Ele tinha uma concepção muito machista do progresso, da transformação social etc.

O que nos transformou nos anos 70-80 foi, em primeiro lugar, nossas derrotas, o fato de que as massas não apreciavam esta concepção do progresso. O fato de que as mulheres não apreciavam esta concepção do progresso. O fato de que os regionalistas não apreciavam esta concepção do progresso dirigido por um Estado muito distante deles etc. Foram os movimentos sociais que se desenvolveram a partir dos anos 60, digamos, que nos levaram a mudar nossa concepção de progresso, a renunciar a uma certa concepção stalinista, ou social-democrata, do progresso; e nos fizeram aderir a concepções mais ecologistas, mais feministas, mais descentralizadas, e creio que a primeira responsabilidade dos intelectuais, antes mesmo de lutar para divulgar novos valores, é verificar o que suas próprias falhas lhes dizem a respeito de suas próprias fraquezas. Creio que uma parte dos intelectuais europeus se cala por ter dito muita besteira, uma parte dos intelectuais latino-americanos vai acabar se calando porque eles disseram igualmente muita besteira, freqüentemente incitados por intelectuais europeus muito arrogantes. Creio que eles também vão começar a se calar e a refletir. É preciso ter uma certa modéstia no papel que pretendemos desempenhar, a partir do instante em que tentamos melhorar a sociedade. É preciso saber escutar, é preciso saber levar em conta os erros passados, ver as novas idéias que se desenvolvem, tentar compreender que as coisas nas quais acreditamos eram

mais falsas do que verdadeiras. Em um dos meus livros eu falei de "internacionalismo modesto", por exemplo. Creio que é extremamente importante, no domínio do internacionalismo, não tentar impor ao Sul, por exemplo, nossa própria concepção de progresso, levando em conta que daqui a 20 anos mudaremos talvez nossa concepção de progresso. O essencial é deixar cada sociedade, no nível mais baixo possível, inventar sua própria concepção de progresso, tentar conceber um mundo onde as diferentes concepções de progresso podem se experimentar. É isto: um universalismo mínimo, quer dizer, que existem algumas coisas diante das quais não podemos recuar: os direitos do Homem, os direitos das mulheres etc. Aliás, estes direitos foram conquistados; a importância destes direitos é uma conquista de toda a História e de todas as nações do mundo. O cristianismo veio até nós da Ásia, o desejo de liberdade das mulheres a respeito do seu papel reprodutivo nos veio sobretudo do Norte, mas cada um contribuiu com seu tijolo para o edifício geral. Precisamos partir deste fundamento, que nos impede de ser muito relativistas (existem mesmo assim valores universais), e é preciso deixar ao máximo cada um experimentar seu próprio caminho em direção à felicidade.

Creio que os valores que listei há pouco são muito velhos. Os ecologistas, de uma certa forma, fizeram o trabalho de uni-los frente a concepções excessivamente industrialistas, excessivamente estatistas, do progresso. Mas são valores muito velhos, coisas sobre as quais todo o mundo está aparentemente de acordo. O problema é praticá-los.